

“1983 será ano de recessão”

**Da sucursal e
do correspondente**

O presidente da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul (FAC) e da Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA), e vice-presidente da Confederação Nacional do Comércio, César Rogério Valente, previu ontem, em Porto Alegre, que 1983 será um ano de recessão econômica talvez pior do que a de 81. As constantes e grandes elevações nas taxas de juros, o alto índice de inflação e a redução das importações decretada pelo governo são alguns dos fatores que, segundo ele, vão levar a economia do País mais uma vez à estagnação, prejudicando sobretudo as empresas que mais empregam mão-de-obra, as micro, pequenas e médias.

Um outro agravante apontado pelo presidente da FAC foi o ritmo dos grandes projetos estatais, como Itaipu e outros, que prosseguiu tão acelerado numa economia em crise quanto poderia ocorrer se tudo estivesse bem. Valente disse que 10% dos recursos investidos em Itaipu resolveriam muitos problemas de descapitalização das micro e pequenas empresas com um custo social muito menor. Se, ao invés de construir grandes obras a pretexto, por exemplo, de gerar empregos, o governo mudasse a política econômica para fortalecer a empresa privada, os resultados nos níveis de ocupação de mão-de-obra seriam muito mais significativos, disse.

Argumentou, ainda, que a atribuição de todos os problemas econômicos

brasileiros à situação mundial não corresponde à realidade, e que o País não pode esperar que a solução desses problemas venha de fora, mas deve necessariamente buscá-la na política interna, em boa parte. Se há uma crise que atinge o mundo, o Brasil ainda é o maior prejudicado porque, ao contrário da Argentina e do México, por exemplo, não tem petróleo e nem um superávit de três bilhões de dólares na balança comercial, como ocorre com os argentinos.

No caso brasileiro, Valente considera que o superávit da balança comercial, acumulado até setembro em pouco mais de 360 milhões de dólares, embora inferior ao esperado, era previsível, diante de toda a conjuntura econômica mundial. Por isto mesmo, ele vê com muito ceticismo a meta lançada pelo ministro da Fazenda, Ernane Galvães, de um superávit de cinco a seis bilhões de dólares na balança, no próximo ano. “Mesmo um raciocínio simplista mostra que é impossível conseguir um argumento de 500% a 600% no superávit em relação a este ano”, afirmou. “Não se pode fazer milagre.”

Em Fortaleza o presidente da Confederação Nacional da Indústria, em exercício, Mário Garnero, falou, ontem, sobre a possibilidade de o governo, após as eleições, tomar medidas austeras na área econômica, opinando que “eu não acho que as eleições vão mudar dramaticamente aquilo que já está na cabeça de todos nós”. Garnero acrescentou que pensa apenas que o governo saberá adotar as “medidas necessárias para manter o País na linha correta”.